

Sebastião Salgado: encontro com a fotografia humanista francesa em “Outras Américas”^{1 2}

Denise Guimarães-Guedes & Livia Maria de Oliveira Furlan

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Email: denise_guimaraes@outlook.com / furlan.livia2@gmail.com

Resumo

O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado é conhecido mundialmente pelas imagens humanitárias que registrou ao longo de sua carreira. Com formação em economia, Salgado vivenciou a ditadura no Brasil na década de 1960, fato que o levou a deixar o país com sua esposa e buscar segurança em solo parisiense. A mudança transformou não apenas sua vida pessoal, como fez aflorar o olhar de um dos mais renomados fotógrafos do mundo. Salgado iniciou seu trabalho de fotojornalismo na França, trabalhou na agência Magnum, além de ter contato com outras grandes agências internacionais de fotografia e com as

obras de Cartier-Bresson, Robert Doisneau, Sabine Weiss, dentre outros fotógrafos, muitos deles representantes da fotografia humanista francesa. Ao longo de sua trajetória, o fotógrafo direcionou sua produção à fotografia documental e, em muitas de suas imagens, a aproximação com alguns dos conceitos da fotografia humanista francesa é perceptível. Este artigo, que compõe parte das pesquisas desenvolvidas pelas autoras, investiga como o humanismo se apresenta na fotografia de Sebastião Salgado, a partir da análise de seu primeiro trabalho autoral publicado no livro “Outras Américas”.

Palavras-chave: Comunicação, Fotografia humanista, Sebastião Salgado, Fotografia, Fotografia documental

Abstract

The Brazilian photographer Sebastião Salgado is known worldwide for the humanitarian images he has recorded throughout his career. With a background in economics, Salgado experienced the dictatorship in Brazil on the decade of 1960, fact that led him to lead the country with his wife and search security on Parisian soil. The change transformed not only his personal life, but also brought to light the gaze of one of the most renowned photographers in the world. Salgado started his photojournalism work in France, worked at the Magnum agency, in addition to having contact with other major international photography agencies and with the works of Cartier-Bresson, Robert

Doisneau, Sabine Weiss, among other photographers, many of them representatives of humanist photography french. Throughout his career, the photographer directed his production to documentary photography and, in many of his images, the approximation with some of the concepts of French humanist photography is perceptible. This article, which forms part of the research developed by the authors, investigates how humanism is presented in the photography of Sebastião Salgado, based on the analysis of his first authorial work published in the book “Outras Américas”.

Keywords: Communication, Humanist Photography, Sebastião Salgado, Photography, Documentary Photography

1. Artigo parcialmente financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2020/05870-7.

2. Artigo parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, processo 88881.623498/2021-01

Data de submissão: 2021-10-13. Data de aprovação: 2022-09-28.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.



Introdução

Com relevante produção fotográfica, Sebastião Salgado é considerado um dos grandes fotógrafos da atualidade. Os temas de seus trabalhos envolvem a condição humana como protagonista, em locais longínquos e situações de condição social de extrema precariedade e, por esse motivo, é considerado por muitos autores como um representante da fotografia humanista (Albornoz, 2005).

Caracterizada por temáticas centradas no ser humano, a fotografia humanista alcançou o auge de sua popularidade por meio do trabalho de importantes fotógrafos radicados na França nas primeiras décadas do século XX, período entre guerras, ganhando força após a Segunda Guerra Mundial, com as revistas ilustradas. O movimento fotográfico ficou conhecido pela valorização das sutilezas contidas nas experiências da vida humana, registradas muitas vezes com leveza e espontaneidade e com um olhar que pode até ser considerado otimista. Mas a fotografia humanista também é marcada pelo testemunho da pobreza e das lutas sociais no pós-guerra (Beaumont-Maillet, 2003). A opção pelo preto e branco e a recusa por efeitos estéticos ou manipulações na imagem também são características da vertente humanista, além de uma relação profunda entre fotógrafo e fotografado, seja por meio do olhar do personagem fotografado direcionado para a câmera, seja através da permissão ao se deixar fotografar. Tais características também estão presentes na fotografia de Salgado, que possui alta carga dramática e personagens que muitas vezes encaram o fotógrafo e, por conseguinte, o espectador, com um olhar profundo e perturbador.

A estética de Salgado carrega muitas referências dos grandes mestres da fotografia humanista, fato que este artigo pretende investigar por meio da análise do livro *Outras Américas*, seu primeiro trabalho publicado. As imagens presentes nesta obra foram tiradas entre 1977 e 1984, época em que Sebastião Salgado saiu da Gamma, agência na qual trabalhava, para iniciar na mais famosa agência de fotografia, a Magnum, onde permaneceu por 15 anos. A Magnum fez parte do desenvolvimento de Sebastião como profissional e, também, foi onde ele conheceu - e trabalhou - com grandes fotógrafos como Henri Cartier-Bresson (Salgado & Francq, 2014).

Para a pesquisa realizada neste artigo foram utilizados mais de um procedimento metodológico. A investigação é de natureza qualitativa exploratória, que objetiva maior familiaridade com o problema através de levantamento bibliográfico, consulta e análise de fotografias. Ao mesmo tempo, descreve fatos e fenômenos relativos a determinado contexto, o que a caracteriza ainda como descritiva (Zamberlan et al., 2016) e procura identificar os fatores que contribuem para que a fotografia de Sebastião Salgado seja considerada como humanista, sendo, portanto, também de natureza explicativa.

A fotografia humanista e sua vertente francesa

Não há uma data exata em que possamos identificar o surgimento da fotografia humanista, assim como também não há apenas uma definição precisa desse estilo fotográfico. Dentre as principais características, destaca Beaumont-Maillet (2003), está a ênfase na pessoa humana, sua dignidade e a relação com o ambiente. A rua é o cenário mais frequente - junto com os bistrôs - e a espontaneidade, herdada da fotografia documental, é obrigatória. Além disso, a ética, a restituição da realidade, a recusa da imagem indiscreta ou roubada são importantes pilares para os fotógrafos humanistas.

Para compreender a essência desse estilo fotográfico, é necessário considerar que sua origem ultrapassa os conceitos meramente estéticos, como afirma Nori (1983) citado por Zerwes (2016, p. 316), e está relacionado ao contexto político e social vivido pela França, principalmente no período após a Segunda Guerra Mundial. Com mais de seiscentas mil mortes e uma situação econômica dramática, o país buscava meios para se reconstruir e restabelecer a esperança em dias melhores. O horror da guerra

estava presente em cada ruína, em estabelecimentos e fazendas destruídas e no medo de que uma nova guerra ainda surgisse a partir da ascensão das armas atômicas e dos antagonismos entre os blocos políticos do Oriente e do Ocidente (Beaumont-Maillet, 2003).

O momento histórico do pós-guerra envolveu também diversas ações a favor da paz e da reestruturação da sociedade. Foram criadas, nessa época, as agências internacionais da ONU (1945), UNESCO (1945) e OMS (1948), o Movimento contra o Racismo e pela Amizade entre os Povos³, em 1941, e o Movimento contra o Racismo, Antisemitismo e pela Paz⁴, em 1949 (MRAP), além da promulgação da Declaração Nacional dos Direitos Humanos, em 1948. Esses órgãos apoiaram reportagens voltadas ao humanismo e a fotografia esteve presente fortemente, colaborando para a produção de imagens que mostrassem o ser humano de maneira digna.

Sobre a fotografia humanista francesa, afirma Beaumont-Maillet (2003) que

Os fotógrafos humanistas contribuem amplamente para a elaboração de uma imagem nacional. (...) Eles constroem o vocabulário iconográfico que, para a França da época, mas também para o estrangeiro, define as qualidades próprias de Paris, dos parisienses e dos franceses, um conjunto de signos e arquétipos, até lugares comuns, que ajudam a forjar a imagem da França do pós-guerra.⁵ (tradução da autora).

Hamilton (2005, p. 28) afirma que, ao analisar as fotografias contidas no acervo do Comissariado Geral de Turismo Francês entre os anos 1946 e 1960, tem-se a impressão de que as imagens alegres e positivas foram encorajadas pelo aparelho governamental. Mas, além das imagens produzidas a serviço dos órgãos governamentais, muitos fotógrafos desenvolveram seus trabalhos pessoais baseados em suas convicções pessoais, muitas vezes reflexo de posicionamentos políticos e ideológicos.

Uma reportagem publicada no Jornal *Le Monde* (Pietrapiana, 2016) aponta a ligação de alguns jovens fotógrafos, que posteriormente tornaram-se conhecidos como representantes da fotografia humanista, com a Frente Popular, resultado da união entre o Partido Comunista Francês, o Partido Radical Socialista e a Seção Francesa Internacional dos Trabalhadores⁶: Henri Cartier-Bresson, Robert Doisneau e Willy Ronis, além dos co-fundadores da agência Magnum, Robert Capa e David “Chim” Seymour. Nesse sentido, Nori (1983) citado por Zerwes (2016, p. 316) associa a origem da fotografia humanista aos ideais de resistência da Frente Popular, o que explicaria o interesse dos fotógrafos por temas sociais.

Um fator importante para a disseminação da fotografia humanista foi a versatilidade dos profissionais independentes, que atuavam, em boa parte, nos mercados da moda, ilustração, publicidade, indústria e jornalismo. Ademais, a independência dos fotógrafos, destaca Hamilton (2005, p. 29), favoreceu o atendimento da demanda da imprensa tanto do mercado interno como do estrangeiro, na maioria dos casos.

Em diversos momentos os fotógrafos humanistas manifestaram a preocupação com a ética e a dignidade humana nas fotografias, conceitos presentes fortemente na agência Magnum, onde Sebastião Salgado iria trabalhar anos depois. A atenção aos direitos humanos e aos grandes acontecimentos da humanidade foi um traço da agência, que enviou fotógrafos para cobrir eventos como guerras e

3. Mouvement national contre le racisme et pour l'amitié entre les peuples

4. Mouvement contre le racisme, l'antisémitisme et pour la paix

5. Les photographes humanistes concourent largement à l'élaboration d'une imagerie nationale. (...) Ils construisent le vocabulaire iconographique qui, pour la France d'époque, mais aussi pour l'étranger, définit les qualités propres à Paris, aux Parisiens et aux Français, un ensemble de signes et d'archétypes, voire de lieux communs, qui contribuent à forger l'image de la France d'après-guerre.

6. Le Parti communiste français (PCF), la Section française de l'Internationale ouvrière (SFIO) et le Parti radical socialiste (PRS)

e catástrofes humanitárias por todo o mundo. As grandes reportagens da Magnum marcaram o início de um novo período na história da fotografia, em que o fotógrafo conquistou autonomia para desenvolver grandes ensaios a partir de projetos independentes.

O auge da fotografia humanista é apontado por Beaumont-Maillet (2003) com a realização da exposição *The Family of Man*, idealizada em 1955 por Edward Steichen, em Nova Iorque. Na exposição, questões fundamentais da vida humana desde o nascimento até a morte foram apresentadas em 503 fotografias de fotógrafos de 68 países. A ideia de Steichen foi reunir, em um mesmo projeto, imagens em que o ser humano pudesse ver a si mesmo “em um espelho dos elementos universais e emoções do dia a dia” (Steichen, citado por Manson, 1955, p.5)³. As imagens contemplam fatos que aproximam as pessoas à sua natureza comum (amor, nascimento, infância, família, trabalho, cultura, ciência, solidão, fome, tristeza, morte), na tentativa de provocar a reflexão sobre como os seres humanos se relacionam entre si e com o ambiente à sua volta, tanto nos momentos felizes, como em situações críticas e destrutivas. O texto entre as fotografias complementa a ideia de fortalecimento dos direitos humanos após os difíceis momentos vividos na guerra.

Nós, os povos das Nações Unidas determinados a salvar as gerações seguintes do flagelo da guerra, que duas vezes em nossas vidas trouxe uma tristeza indescritível para a humanidade, e para reafirmar a fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e mulheres e de nações grandes e pequenas...

Carta das Nações Unidas citada por Manson, 1955, p.184)⁴ (tradução da autora)

A exposição foi considerada um marco na fotografia humanista, pela tentativa de sintetizar os conceitos envolvidos na fotografia francesa, o que não necessariamente foi aceito entre intelectuais na época.

O fotógrafo Sebastião Salgado

Sebastião Salgado nasceu em 1944, no interior de Minas Gerais, em Aimorés. Seus pais eram donos da Fazenda Bulcão, a qual era autossustentável e, também, onde a família Salgado vivia com cerca de 30 famílias, empregados do pai do fotógrafo. Cercado pela Mata Atlântica, a vida na fazenda, naquela época, foi fundamental para que Sebastião desenvolvesse as particularidades de sua fotografia.

Quando criança, Sebastião viajava com seu pai para levar os animais que seriam abatidos no matadouro. Essas viagens duravam mais de um mês, visto que o meio de transporte eram cavalos, de modo que demorava mais tempo para completar o percurso, o que exigia paciência para que tudo ocorresse em seu tempo. Além disso, era necessário todo um preparo para as viagens, algo que Sebastião leva consigo até hoje quando se propõe a realizar um projeto. Desde Outras Américas, o fotógrafo se planeja por meses antes de chegar ao destino a ser fotografado (Salgado & Francq, 2014).

5 *It was conceived as a mirror of the universal elements and emotions in the everydayness of life.*

6. *We, the peoples of United Nations Determined to save succeeding generations from the scourge of war, which twice in our lifetime has brought untold sorrow to mankind, and to reaffirm faith in fundamental human rights, in the dignity and worth of the human person, in the equal rights of men and women and of nations large and small... Charter of the United Nations* (citado por Manson, 1955, p.184).

As viagens ainda possibilitaram que Sebastião desenvolvesse o olhar contraluz, uma de suas marcas fotográficas. Por ter a pele muito clara, Salgado se protegia com chapéus e nas sombras das árvores, por conta do sol. “Na época, não existia protetor solar. E eu sempre via meu pai vindo até mim sob o sol, na contraluz.” (Salgado & Francq, 2014, p. 18).

Com 15 anos, Sebastião se mudou para Vitória, no Espírito Santo, para completar os estudos básicos. Nessa época, Salgado pôde se aproximar mais dos números, visto que precisava administrar o dinheiro enviado pelo pai para se manter na capital capixaba. Para complementar sua renda, o então adolescente começou a trabalhar na Aliança Francesa, como secretário da tesouraria. Esse contato com os números e a economia brasileira em ascensão fizeram com que Sebastião optasse por cursar Economia.

Durante seu trabalho na Aliança Francesa, Salgado conheceu Lélia Wanick Deluiz, que se tornaria sua esposa. “Depois que nos conhecemos, passamos a compartilhar tudo.” (Salgado & Francq, p. 20, 2014). Nesse momento, o casal começa a ter contato com a esquerda da política brasileira, o que influencia a vida dos dois, visto que eles vivenciaram a ditadura militar de 1964. Em 1967, após Salgado terminar sua graduação, os dois se mudam para São Paulo, para que o fotógrafo cursasse seu mestrado em economia, pela Universidade de São Paulo (USP).

O casal de militantes participava das manifestações contra a ditadura na capital paulista e, quando a vigilância e a repressão se tornaram mais intensas, o grupo do qual faziam parte sugeriu que os jovens fossem para o exterior, de forma a continuar o movimento de fora do Brasil. Assim, em 1969, Sebastião e Lélia se exilam em Paris, na França. O país europeu foi o escolhido porque permitia que Salgado fosse como estudante da Escola Nacional de Estatística e Administração Econômica (ENSAE).

Na capital francesa, Sebastião terminou seu mestrado e Lélia começou a cursar Arquitetura. Foi durante uma viagem do casal que Salgado teve seu primeiro contato com a fotografia, além desse “encontro” ter ocorrido graças ao curso de Lélia, pois um dos trabalhos de seus estudos era fotografar prédios. Os primeiros equipamentos foram comprados em Genebra.

Ela escolheu uma Pentax Spotmatic II, com uma lente objetiva Takumar de 50 mm, f:1,4. Não sabíamos nada de fotografia, mas logo achamos aquilo fantástico. De volta a Menthonnex, fizemos nossas primeiras imagens; li as instruções e, três dias depois, voltamos a Genebra para comprar mais duas objetivas, uma de 24 mm e outra de 200 mm. Foi assim que a fotografia entrou em minha vida. Quando regressamos a Paris, montei um pequeno laboratório na Cité Universitaire. (Salgado & Francq, 2014, p. 29)

Durante esse período, Sebastião começou a trabalhar na Organização Internacional do Café, onde ele pretendia iniciar sua tese de doutorado. Esse trabalho deu a oportunidade para que Salgado realizasse muitas viagens, onde ele sempre levava sua câmera para tirar fotografias. Uma inquietação começou a surgir em seu âmago: deveria abandonar a promissora carreira como economista para se tornar fotógrafo?

Eu estava sempre me perguntando se deveria fazer aquilo. Até o dia em que minha vontade foi mais forte. Decidi: “Vou largar a economia”. Estávamos em 1973, eu tinha 29 anos e escolhi, de comum acordo com Lélia, interromper minha promissora carreira para me tornar fotógrafo independente. (Salgado & Francq, p. 34, 2014)

No início, Sebastião ia nas redações de jornais, onde recebia as pautas da semana e saía para fotografar as matérias (Drauzio Entrevista, 2015). Depois, o fotógrafo começou a realizar trabalhos freelancers para a agência Sygma, em Paris. Ele permaneceu nesta agência por um ano. Em 1975, Salgado

No início, Sebastião ia nas redações de jornais, onde recebia as pautas da semana e saía para fotografar as matérias (Drauzio Entrevista, 2015). Depois, o fotógrafo começou a realizar trabalhos freelancers para a agência Sygma, em Paris. Ele permaneceu nesta agência por um ano. Em 1975, Salgado inicia seus trabalhos na Gamma, onde permanece por dois anos. "Existia um grupo mais experiente, [...], eram fotógrafos havia muito tempo: Raymond Deardon, Marie-Laure de Decker, Hugues Vassal e Floris de Bonneville [...]" (Salgado & Francq, p. 43, 2014).

Em 1979, Sebastião se candidata ao time da agência Magnum, onde é aceito. "Minha grande escola de fotografia havia sido a Gamma, mas Magnum me possibilitou uma fantástica oportunidade de desenvolvimento." (Salgado & Francq, p. 59-60, 2014).

Durante quinze anos, período em que trabalhou na agência, Sebastião teve contato com grandes nomes da fotografia, como, por exemplo, Erich Hartmann, Henri Cartier-Bresson, Eric Lessing e George Rodger, entre outros. Ali, é possível afirmar que ele aprendeu a fotografia francesa.

O trabalho de Sebastião Salgado é fortemente influenciado pela técnica do "momento decisivo", empregada pelo fotógrafo francês Henri Cartier Bresson. Esta técnica consiste em fotos diretas, disparadas no momento crucial a ser retratado pelo artista. Desta forma, o fotógrafo procura transmitir em um "shot" todo o drama e impacto da situação observada. (Muritibs, online)

Na época de transição entre agências, Sebastião Salgado produziu a obra *Outras Américas*, entre 1977 e 1984, o qual, posteriormente, se tornou o primeiro livro publicado pelo fotógrafo e sua esposa.

Após dez anos, aproximadamente, Sebastião pôde voltar ao Brasil, em 1979. Antes desse período, ele passou fotografando outros países da América Latina, pois sentia uma necessidade de registrar os povos latinos. "[...] sentia que visitá-la era essencial para mim. Queria fotografar seus países, era uma maneira de me sentir mais próximo de minha cultura." (Salgado & Francq, 2014, p. 51).

No Brasil, Sebastião fotografou indígenas e o Nordeste do país. Uma característica das fotografias de Sebastião é a de que ele afirma que as fotos não são feitas exclusivamente por ele. É preciso que as pessoas fotografadas queiram dar suas imagens ao fotógrafo (Salgado & Francq, 2014). Aliás, essa troca é algo que Salgado tem com os povos que fotografa, visto que vive longos períodos com eles. Em *Outras Américas*, Salgado retrata seus personagens com leveza, diferente de suas obras futuras, como *Sahel e Êxodos*. Depois de sair da Magnum, Sebastião funda a Amazonas Images junto com Lélia, em 1994.

O trabalho de Sebastião possui forte influência social, algo que o próprio fotógrafo reforça estar ligado à sua história de vida, já que ele viveu a juventude no início da grande industrialização brasileira, a qual possuía preocupação com as questões sociais (Salgado & Francq, 2014). Além disso, é válido ressaltar que os primeiros passos de Salgado na fotografia foram dados no continente africano, enquanto ele ainda trabalhava na Organização Mundial do Café. Depois, já como fotógrafo, Sebastião voltou à África com o intuito de fotografar não as paisagens de lá, mas os africanos que passavam fome. "Sempre fui capaz de colocar minhas imagens dentro de uma visão histórica e sociológica. [...] Queria andar por todos os lugares onde minha curiosidade me levasse, [...]. Mas também por todos os lugares onde houvesse injustiça social, [...]" (Salgado & Francq, 2014, p. 43).

As Américas por Sebastião Salgado

A obra “Outras Américas” foi produzida entre 1977 e 1984, época em que Sebastião realizava uma transição de agências de fotografia. Também foi a época em que ele e Lélia puderam voltar ao Brasil, graças à Lei da Anistia, em 1979. Foi o primeiro livro do casal, com curadoria de Lélia. A obra possui 49 fotografias (incluindo a da capa) em preto e branco, marca registrada das imagens de Sebastião Salgado.

No prefácio do livro, na versão inglês, Salgado afirma que a intenção era voltar à América Latina, depois de percorrer a Europa e a África. “Decidi mergulhar no mais concreto da irrealdade nesta América Latina, tão misterioso e sofrido, tão heróico e nobre.” (Salgado, 1986, p. 10 - tradução da autora) . Para Sebastião, realizar esta obra foi como voltar no tempo, em um ritmo lento, com “todo o fluxo de diferentes culturas, tão semelhante em suas crenças, perdas e sofrimentos.” (Salgado, 1986, p. 10 - tradução da autora) .

Outras Américas apresenta as culturas de Brasil, Bolívia, Equador, Guatemala, México e Peru em fotografias espontâneas e posadas. Nove delas mostram, explicitamente, o tema da morte, retratado em velórios ou fisionomias tristes nos rostos das pessoas. As fotografias que foram feitas no Brasil trazem a cultura e os costumes do sertão nordestino: crianças brincando com ossinhos de animais; a crença popular; uma festa de casamento; o trabalho dos adultos; a morte para o povo.

Da Bolívia são apresentadas paisagens abertas de campo de trabalho; trabalhadores percorrendo seus caminho diário para ganhar o sustento; pessoas em seus trajes de ocasiões especiais; e famílias em momentos distintos. O Equador apresenta seus habitantes em trajes tradicionais da cultura do país; ganha destaque os retratos das pessoas, que olham para a câmera; Sebastião também apresenta a religiosidade do país, além de trazer o tema da morte para as fotos.

A Guatemala possui apenas uma foto no livro todo, a qual apresenta uma menina comendo uma maçã doce e um rosto em uma janela da porta. México traz sua população praticando as tradições do seu povo; trabalhadores e cemitério. Peru é representado por retratos dos seus habitantes e, também, por uma espécie de cemitério de aldeia.

Das 48 fotografias do miolo do livro, 16 são brasileiras; seis bolivianas; doze do Equador; uma da Guatemala; dez mexicanas; e três peruanas. Apesar de trazerem as diferenças das culturas e vidas de cada país, é interessante notar a semelhança entre os povos, apesar dessas distinções. Ao analisar a obra, se tem a sensação de que é como se as populações habitantes da América Latina fossem um único bloco, de forma que as diferenças são os encaixes entre eles.

Discussões

Ao longo dos últimos anos, Sebastião Salgado produziu doze obras fotográficas, além de exposições ao redor do mundo. Suas fotografias trabalham o tema social e, mais recentemente, ambiental. Apesar da mudança do objeto fotográfico, Salgado permanece fotografando em preto e branco as paisagens e as populações dos locais que visita para compor suas obras. Seu trabalho é notadamente um dos principais registros imagéticos da humanidade na atualidade. Em sua trajetória, o fotógrafo procura sempre reafirmar suas convicções sobre a dignidade e a vida humana em imagens com rigor técnico exemplar, mas principalmente através de narrativas dramáticas em histórias que dificilmente são publicadas nos veículos de comunicação tradicionais (Rego e Barbosa, 2020).

As fotografias de Outras Américas fazem parte do primeiro trabalho de Salgado impresso em forma Considerações finais to de livro, em que há uma única temática (povos da América Latina), organizadas sob alguns conceitos, apresentados no prefácio da publicação. Publicado em 1986, as fotografias enfocam os habitantes latinos em ciclos de nascimento, família, morte e fê, momentos comuns a todos os seres humanos, assim como na exposição “The Family of Man”, considerada por Beaumont-Maillet

(2003) como o auge da fotografia humanista. O enfoque do ser humano e sua natureza comum é uma clara aproximação à abordagem humanista na fotografia, embora com nuances que tendem às temáticas da Agência Magnum, esta, porém, mais preocupada com a cobertura de catástrofes humanitárias no formato de grandes reportagens.

A organização da obra fotográfica em livro com um propósito documental, por sua vez, convida o leitor a entrar no processo pelo qual a representação de seus sujeitos é construída (Hamilton, 2003, p.87). Além disso, o livro, considerado um produto cultural, é desenvolvido a partir de um projeto editorial, caracterizado por critérios de ordenação e construção de narrativa. Embora passível de ser reproduzido em série, o livro foge, de certa forma, do caráter transitório da reprodução de veículos efêmeros como jornais e revistas, configurando-se um objeto de coleção por ser também um produto autoral.

O modelo de publicação praticamente sem texto e com criterioso trabalho de edição fotográfica pode ser considerado análogo a uma exposição, em que o espectador/leitor segue uma sequência narrativa. Projeto semelhante foi desenvolvido por Robert Frank em 1958, no livro *Americans*. Considerado por muitos como uma obra prima (Maia, 2019), é também citado como fonte de inspiração para toda uma geração de fotógrafos (Seymour, 2021). O conceito da obra de Frank também parece inspirar o livro de Salgado: o livro de Frank foi resultado de uma viagem em que o fotógrafo capturou a alma da nação americana durante 2 anos. Salgado mostra em *Outras Americas* seu olhar sobre o povo latino-americano, em imagens capturadas durante o período de sete anos.

No trabalho de Salgado, é possível identificar intersecções conceituais com a fotografia humanista francesa, como a imagem “não roubada”, a valorização da dignidade humana, mesmo quando este se encontra em situações de miséria ou sofrimento. Sebastião afirma que, ao fotografar alguém, é importante conversar com a pessoa antes, criando certa intimidade e recebendo autorização para realizar a fotografia. Em *Outras Américas*, ele deixa claro que “as imagens que trouxe de lá não foram feitas unicamente por mim. Foi preciso que aquelas populações as autorizassem, as oferecessem a mim.” (Salgado & Francq, 2014, p. 52), sendo essa troca, resultado da intimidade criada pelo fotógrafo com os povos fotografados.

O contato com partidos de esquerda e a vivência no período da ditadura forjaram no fotógrafo um olhar atento às violações dos direitos humanos, essência presente também nos princípios da Magnum, agência em que trabalhou durante o período de 15 anos.

Considerações finais

O trabalho apresentado por Sebastião Salgado no livro *Outras Américas* possui fortes correspondências com a corrente que ficou conhecida como fotografia humanista francesa. Se uma análise da construção estética já aproxima ambas, uma investigação mais abrangente revela que há diversos elementos comuns presentes tanto nas referências visuais, como nas abordagens temáticas e conceituais de ambos.

A fotografia de Sebastião Salgado, no entanto, carrega elementos da latinidade do fotógrafo e de sua visão particular sobre o povo da América Latina. Talvez o que o trabalho de Salgado apresenta em *Outras Américas* possa ser chamado de o sonho humanitário latino americano, ao apresentar sua visão do que seria a essência do povo latino em um resgate humanista sensível e crítico ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo, o fotógrafo traz pessoas comuns, invisíveis aos sistemas midiáticos em suas vidas cotidianas, com a devida dignidade dentro de cada cultura e identidade.

Não há dúvida de que as decisões sobre a abordagem temática, enquadramento, técnicas e outros fatores são construídos pelo repertório de vida do fotógrafo. Como afirma Sousa (2000, p.84), “antes de

qualquer opção mediática e da percepção e recepção da foto por parte do observador, a fotografia é um ato pessoal”. Atento aos problemas relacionados à disputa pela terra, desagregação das famílias e pertencimento, à condição de vida dos camponeses, falta de condição mínima de vida digna e violação dos direitos humanos, Salgado apresenta sua perspectiva sobre a vida desses personagens; a aproximação com a fotografia humanista francesa é evidente.

Dessa forma, existe ligação entre os temas fotografados por Sebastião e os retratados pela fotografia humanista, considerando que fotógrafos humanistas possuem a preocupação de expressar a dignidade humana, a mesma que Salgado possui ao trazer retratos da pobreza, fome e da realidade daqueles que ele fotografa.

Referências Bibliográficas

- Albornoz, C. (2005). Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na fotografia humanista. *Contemporânea*. 4 (2005.1). 93-103. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17069>
- Beaumont-Maillet, L. (2003). Cette photographie qu'on appelle humaniste. In *La photographie humaniste, 1945-1968. Autour d'Izid, Boubat, Brassai, Doisneau, Ronis...* Galerie de photographie. Bibliothèque Nationale de France.
- Benjamin, Walter (1987). A obra de arte na era da reproduzibilidade técnica. in: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense.
- Drauzio Entrevista | Sebastião Salgado. (2015). 64min. <https://www.youtube.com/watch?v=413bZVZSZPI&t=1s>
- Hamilton, P. (2006). La photographie humaniste: un style made in France? In *La photographie humaniste, 1945-1968. Autour d'Izid, Boubat, Brassai, Doisneau, Ronis...* Galerie de photographie. Bibliothèque Nationale de France.
- Maia, A. M. (2019), Relembra The Americans, a obra prima de Robert Frank. In Público. <https://www.publico.pt/2019/09/10/p3/fotogaleria/relembra-the-americans-a-obra-prima-de-robert-frank-396957>
- Manson, J. (ed.). (1955). *The Family of Man*. Museum of Modern Art, New York. Maco Magazine Corporation: New York.
- Martinez, S. (2000). Sebastião Salgado: “Meu trabalho é denúncia e testemunho”. In *Biblioteca Babab*. https://www.babab.com/no05/sebastiao_salgado.htm
- Muritibs, M. (s.d.). Sebastião Salgado. In *Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP* http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&catid=14:folios&Itemid=10
- Petrapiana, B. (2016). Le Front populaire raconté par Capa, Doisneau ou Cartier-Bresson. In *Le Monde*. Paris. https://www.lemonde.fr/arts/article/2016/05/19/le-front-populaire-raconte-par-capa-doisneau-ou-cartier-bresson_4922410_1655012.html

- Rêgo, A. R. e Barbosa, M. (2020). Historicidade, tempo e memória: interpretações de O Sal da Terra. In A. Rêgo, T. Queiroz & A. Hohlfeldt. Tempo e memória: interfaces entre os campos da comunicação e da história. (cap. 3). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Salgado, S. (1986). Other Americas. Pantheon Books: New York.
- Salgado, S, e Francq, I. (2014). Da minha terra à Terra. São Paulo: Paralela.
- Seymour, Tom. (2021). Robert Frank's seminal photo series 'The Americans' to be reissued after \$1m grant. In The art newspaper. <https://www.theartnewspaper.com/2021/11/09/robert-franks-the-americans-to-be-reissued-after-dollar1m-grant>
- Sousa, J. P. (2000). Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Zamberlan, L., Rasia, P., Souza, J., Grison, A., Gagliardi, A., Teixeira, E., Drews, G., Vieira, E., Brizolla, M. & Allebrandt, S. (2019). Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas. Ijuí: Editora Unijuí. <https://www.editoraunijui.com.br/produto/amostra/2180>
- Zerwes, E. (2016). A fotografia humanista e a construção de uma historiografia sobre a fotografia latino-americana. In História: debates e tendências. v.16, n.2, jul./dez., 314-327. <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/6920>